

Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce

Original study

Leonardo Ripoll¹, Márcia Ohlson², Vinicius Romanini³

¹ Federal University of Santa Catarina, Brazil; leonardo.ripoll@ufsc.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1345-1631>

² University of São Paulo, Brazil; marcia.ohlson@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6219-4379>

³ University of São Paulo, Brazil; vinicius.romanini@usp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6558-0550>

Received: April 2022; Accepted: May 2022

Abstract: Adotando a perspectiva da semiótica *peirceana*, o trabalho se propõe a analisar o conceito de desinformação a partir do fenômeno das *fake news* e do neologismo “pós-verdade” a ele associado. Revisamos algumas teorias informacionais contemporâneas, que partem de relações entre comunicação, computação, sociedade e tecnologias, para demonstrar a necessidade de ampliarmos a visão estritamente analítica do conceito de informação, ainda que fundamentada na cibernética, para incluir a reflexão da semiótica e do pragmatismo de Peirce. Apresentamos brevemente os fundamentos da semiótica, principalmente em sua relação com os conceitos de crenças e verdade que formam o arcabouço do pragmatismo. Propomos, em especial, três dimensões complementares do termo desinformação a partir de alguns preceitos semióticos que, em nosso entender, possibilitam uma melhor compreensão da sua manifestação nos processos comunicativos presentes nas mídias sociais.

Palavras-chave: Desinformação. Pós-verdade. *Fake news*. Semiótica *peirceana*. Sociedade da informação

ANALYSIS OF THE CONCEPT OF DISINFORMATION FROM PEIRCE'S SEMIOTICS

Abstract: Adopting the perspective of Peircean semiotics, the work proposes to analyze the concept of disinformation based on the phenomenon of fake news and the “post-truth” neologism associated with it. We review some contemporary informational theories, which start from the relationship between communication, computing, society and technologies, to demonstrate the need to broaden the strictly analytical view of the concept of information, albeit grounded in cybernetics, to include the reflection of semiotics and pragmatism of Peirce. We will briefly present the foundations of semiotics, mainly in its relation to the concepts of beliefs and truth that form the framework of pragmatism. We propose, in particular, three complementary dimensions of the term disinformation based on some semiotic precepts that, in our view, allow a better understanding of its manifestation in the communicative processes present in social media.

Keywords: Disinformation. Post-truth. Fake news. Peircean semiotics. Information society.

INTRODUÇÃO

Desde a popularização do termo *pós-verdade* em 2016 (OXFORD LANGUAGES, 2021) – ano em que as eleições

estadunidenses e o movimento Brexit foram marcados pela divulgação massivas de *fake news* pelas

plataformas de redes sociais – o conceito de desinformação ganhou notoriedade ligada ao avanço tecnológico e comunicacional da virada do século. Especialmente nos anos que se seguiram a esses acontecimentos, os estudos e pesquisas sobre o universo da desinformação se intensificaram em diversas áreas do conhecimento, mas, principalmente, naquelas diretamente vinculadas ao campo da Comunicação e da Informação.

O atual contexto da desinformação parece ser decorrente de caminhos trilhados principalmente a partir da evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e da compreensão da sociedade enquanto ‘sociedade da informação’ – modelo socioeconômico que gradualmente substituiu o industrialismo característico do início do século XX e que, de acordo com Floridi (2010), é caracterizado pelas mudanças que as TIC trouxeram ao longo do tempo, especialmente quando se tornaram também sistemas de processamento e produção. De acordo com o autor, desde a criação e a difusão da computação por Alan Turing, a sociedade vem sendo afetada por uma revolução ontológica que coloca a informação como o centro de todas as atividades da vida.

Um campo que é diretamente afetado pelas novas dinâmicas informacionais é aquele pertencente à semiótica, “[...] ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 2012, p. 19) ou, conforme Romanini (2016, p. 28) “uma teoria geral dos processos de representação e comunicação”. De fato, a semiótica, nascida no final do século XIX como uma lógica geral dos processos mentais, antecede as epistemologias informacionistas da cultura, pelas quais a sociedade vai assumindo uma dimensão informacional, comunicativa e semântica que molda um ecossistema novo e próprio – e que Floridi (2010) define como ‘infosfera’. Como aponta Santaella (2012), nesse crescente ambiente informacional um elemento essencial se destaca: a linguagem – a explosão informacional da era digital se dá concomitantemente à explosão de novas linguagens, inclusive pelo hibridismo entre linguagens antigas e atuais. A desinformação, enquanto manifestação comunicativa, é certamente fenômeno produtor de significados e sentidos que opera no interior das linguagens, e deve ser compreendida por um olhar semiótico sobre o problema.

Apesar disso, as teorias informacionais vigentes, incluindo a do próprio Floridi, partem da teoria matemática de Shannon-Weaver e da cibernética de Wiener (ambas iniciadas na década de 1940), que centram sua análise no código e na capacidade de controle dos sistemas a partir de programas construídos com a lógica binária dos operadores booleanos. Para tanto, tais teorias contemporâneas da informação adotam o conceito de verdade ‘correspondencial’, ou seja, concebida em relação a algo factual que pertence a uma realidade inquestionável e que se coloca como lastro para a validação de

sentenças lógicas formadas de acordo com a sintaxe do código adotado. A informação de Floridi, por exemplo, deve ser expressa por uma sentença lógica bem formada, com valor semântico e que se refere a um mundo de fatos observáveis e acessível à verificação e eventual falseabilidade, como preconizou Popper (1980). Tudo que escapa a estes critérios não pode ser considerado informativo.

Tais teorias entram em desencontro com a semiótica, especialmente aquela conduzida por Charles Sanders Peirce (1839–1914), que entende o conceito de verdade de forma pragmatista, alinhada à semiose que se constitui em um coletivo interpretante. Para Peirce, a verdade estaria relacionada com o conceito de ‘real’ e seria validada pelas próprias comunidades que compartilham as informações, enquanto buscam aperfeiçoar a própria representação que possuem desse real. A teoria desenvolvida por Peirce apresenta uma abordagem fenomenológica sobre a função mediadora dos signos, presente em toda comunicação que é produzida. Ademais, para Peirce, as crenças possuem um papel fundamental na conceituação sobre informação, que é estabelecida enquanto uma representação validada coletivamente pela realidade compartilhada em uma comunidade.

Este estudo pretende definir um conceito de desinformação a partir da teoria semiótica *peirceana*, buscando ampliar a discussão presente sobre esse fenômeno e, assim, contribuir para um melhor entendimento sobre pós-verdade, *fake news* e outros termos relacionados dentro do âmbito da comunicação presente na sociedade em rede. O ponto de partida contextual, entretanto, leva em conta as teorias informacionais cibernéticas que parecem predominar atualmente nas análises e pesquisas sobre desinformação. Relacionar Peirce com tais teorias, apesar da aparente incongruência, pode demonstrar-se uma reflexão rica em esclarecer pontos ainda obscuros sobre as ações humanas dentro da *infosfera*. Para tanto, o artigo apresenta, a seguir, um breve contexto sobre a desinformação contemporânea para depois abordar conceitos semióticos essenciais e, por fim, propor a conceituação da desinformação por um viés *peirceano*.

1. DESINFORMAÇÃO E O CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Os dados estão dispostos pelo mundo para se tornar informação (FLORIDI, 2010) da mesma forma que os sinais estão para se apresentar como signos ou linguagens (SANTAELLA, 2012). São transmitidos pela comunicação e não estão restritos ao ser humano, gerando conhecimento ou semioses em animais, máquinas e organismos biológicos diversos. Portanto, tudo pode ser visto de um ponto de vista informacional ao mesmo tempo em que tudo é composto por linguagem. Santaella (2012), por exemplo, usa linguagem e informação como sinônimos e complementa que os dois ingredientes fundamentais à vida são energia e informação. Neste sentido, sem a linguagem, seria impossível haver vida, uma vez que

Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce

o próprio processo metabólico do código genético é feito por troca (semiótica) de informação: “[...] não apenas a vida é uma espécie de linguagem, mas também todos os sistemas e formas de linguagem tendem a se comportar como sistemas vivos, ou seja, eles reproduzem, se readaptam, se transformam e se regeneram como as coisas vivas” (SANTAELLA, 2012, p. 20).

A *infosfera* de Floridi (2010) também concebe um olhar semelhante sobre a informação e as relações criadas pelos seres vivos, entendendo o ser humano como um *'inforg'*, ou seja, um *'organismo informacional'* interconectado com outros. A *infosfera* seria, portanto, a biosfera do âmbito informacional; com dinâmicas, processos, interações, regras, relações e propriedades equivalentes ao que um organismo biológico produz em seu ambiente físico. Da mesma forma que na biosfera os organismos tendem ao prolongamento da vida e a adotar estratégias de adaptação e evolução, na *infosfera* o ecossistema funciona de forma que sua expansão seja possível, de forma harmônica e constante, zelando pelo bom funcionamento do seu *habitat*. Dentro de um ambiente onde tudo existe pelo ponto de vista informacional, a desinformação seria, então, aquilo que traria a desordem nessa harmonia e bem-estar da *infosfera*, comprometendo a sua existência e vitalidade.

Entre as principais definições de desinformação encontradas atualmente, aquela que recebe grande convergência é a que entende o fenômeno como algo que engana alguém, dentro de uma perspectiva informacional. É a essência do entendimento visto em Floridi (2010, 2011) e outros autores, como Fallis (2015) e Wardle e Derakhshan (2018), ainda que haja algumas diferenças em suas completas conceituações formais. Além disso, a desinformação geralmente se caracteriza por duas divisões principais: *disinformation*, quando há a intenção de enganar alguém com uma falsidade; *misinformation*, quando a falsidade é repassada por engano (FLORIDI, 2010; FALLIS, 2015; WARDLE; DERAKHSHAN, 2018)¹.

Dentro do contexto contemporâneo, a desinformação se apresenta articulada em diversas manifestações da comunicação, sendo que as mais conhecidas popularmente são *fake news*, pós-verdade e *deepfake*, definidos, grosso modo, como: notícias falsas, discursos enviesados e vídeos manipulados. O caráter desinformativo intencional está presente em todos esses formatos, geralmente articulados por redes organizadas que operam com objetivo de manipular a opinião pública ou obter ganho financeiro. A desinformação não é um fenômeno exatamente novo: documentos falsos, fotografias e mapas adulterados, anúncios enganosos e propagandas políticas já eram protótipos de desinformação muito antes do atual paradigma envolvendo as

mídias sociais e as dinâmicas digitais modernas. Como menciona Fallis (2015), ainda na Segunda Guerra Mundial era possível encontrar operações formalizadas de desinformação, que incluíam relatórios militares forjados e transmissões de rádios falsas. O que caracteriza principalmente o atual contexto é a sua popularização e seu crescimento proporcionado pelo uso das tecnologias e pelas mudanças na forma que a sociedade se comunica e se informa. A partir do surgimento das ferramentas de Big Data, por exemplo, tornou-se possível construir perfis psicológicos e direcionar as mensagens de forma a modular as opiniões e, também, direcionar as ações de indivíduos e grupos.

O crescimento da desinformação possibilita o surgimento de crises nos processos de comunicação da sociedade. No estudo apresentado em Guarda, Ohlson e Romanini (2018), uma dessas crises seria a criação de uma *'pós-realidade'*: um simulacro que vai se tornando mais concreto que a realidade à medida que narrativas fictícias vão sendo incorporadas progressivamente pela sociedade. Desinformar também desestabiliza os vínculos entre os membros de uma comunidade e o desenvolvimento mútuo do conhecimento. Pois desinformação, acima de tudo, é um processo de linguagem e, como tal, tema de investigação possível de ser feito pela semiótica, “[...] ciência de toda e qualquer linguagem” (SANTAELLA, 2012, p. 13), que possui, portanto, papel importante no desvelamento dos fenômenos presentes na *infosfera*.

2. SEMIÓTICA E BREVE SÍNTESE DOS CONCEITOS DE PEIRCE

Peirce entendia semiótica e lógica como sinônimos. Para ele, a semiótica era uma lógica universal e atualizada, aplicada pelo método da pragmática. Sobretudo, a semiótica é a doutrina dos *signos*, entendidos como *representações* de algo para alguém. A semiótica aborda os signos e suas *semioses*, ou seja, suas representações de objetos e criações de *interpretantes*. Sendo assim, a semiótica está presente no funcionamento da vida e do mundo enquanto elemento fundamental de existência, articulando, principalmente, as relações entre informação, comunicação, pensamento e linguagem.

É notável também ressaltar que a semiótica *peirceana* possui alguns termos próprios que são centrais em seu campo de estudo. O entendimento desses termos é fundamental para que os preceitos teóricos da semiótica sejam devidamente compreendidos. Por limitações e delimitações pertinentes a esta pesquisa, propõe-se aqui fazer uma breve síntese de quatro conceitos essenciais para a compreensão das articulações feitas na busca pelo conceito de desinformação a partir

¹ No relatório produzido pelo Conselho da Europa, Wardle e Derakhshan (2018) colocam *misinformation* e *disinformation* enquanto categorias da 'desordem informacional' (*information disorder*) e ainda citam mais uma, a *malinformation*, que é quando há o vazamento público de informações privadas com o objetivo de causar dano a alguém. Nesse último caso, no entanto, há o uso de informações verdadeiras, ainda que geralmente descontextualizadas.

da teoria semiótica, como exposto mais adiante. Portanto, dentro do vasto universo investigativo criado por Peirce, descreve-se aqui noções simplificadas dos seus elementos semióticos básicos para, em seguida, fazer um recorte mais ampliado sobre o que o autor entendia enquanto *crença*, *informação* e *verdade*:

Signo: qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu *interpretante*) a referir-se a algo ao qual ela mesma se refere, dessa forma transformando seu interpretante em outro signo - e assim, potencialmente, *ad infinitum*. O signo só pode representar seu objeto de um certo modo e em uma certa capacidade, sendo essa representação imperfeita e interna ao signo chamada de *objeto imediato* do signo, enquanto o objeto externo é chamado de *objeto dinâmico*. O correspondente possível desse objeto imediato é chamado de *interpretante imediato*. O efeito interpretante efetivamente produzido, por sua vez, é chamado de *interpretante dinâmico*. Por fim, o efeito final que o signo produziria se todas as suas possibilidades imediatas fossem atualizadas é chamado de *interpretante final*. É justamente na dimensão dos interpretantes que a informação semiótica opera, como veremos. Na sua relação com o objeto, em que a informação é internalizada por ele, o signo se divide em três classes principais: ícone, índice e símbolo, que discutimos a seguir.

Ícone: Signo que se apresenta enquanto simples qualidade contemplativa, sem representar nada de fato e, portanto, com alto poder de sugestão. O ícone está associado à experiência estética da representação, ao sensorial, como no caso de uma pintura abstrata, que se apresenta apenas enquanto *possibilidade* de representações aos sentidos. Um ícone puro se assemelha em alguma medida com qualquer outra coisa, enquanto ícones mesclados com índices (por exemplo, diagramas) ou com símbolos (por exemplo, metáforas), são capazes de incorporar a informação a ser expressa pelos interpretantes nos processos de comunicação.

Índice: Signo que “[...] indica outra coisa com a qual está factualmente ligado” (SANTAELLA, 2012, p. 103), como no caso de rastros e pegadas, ou ainda, qualquer produto do fazer humano que remeta a outras direções sígnicas, desde que haja uma mente interpretando e estabelecendo a conexão feita para essas direções. Nesse sentido, se manifesta pela existência conectada a um universo do qual faz parte, não como mera possibilidade. Índices são necessários para referenciar o objeto e expressar a informação na forma de asserções, como no caso das proposições com valor de verdade. Índices têm qualidades próprias, e isso revela que carregam elementos icônicos. Por exemplo, uma pegada indica a passagem de algo ao mesmo tempo que se assemelha, na sua forma, à forma do pé que a produziu.

Símbolo: signo geral capaz de representações de objetos igualmente gerais, como hábitos, ideias, argumentos, conceitos, padrões, conjuntos, leis, proposições, palavras, etc. Embora seja categoria, classe, tipo geral, o símbolo só pode operar semioticamente em

suas réplicas. Assim, uma palavra, enquanto símbolo, precisa ser escrita ou falada para operar na comunicação. Símbolos possuem dimensões indiciais e icônicas. Numa sentença que descreve o estado de coisas da realidade, a parte indicial assume o papel do sujeito enquanto a parte icônica assume o papel do predicado. Se afirmo “Esta pegada é de um cavalo”, a parte indicial indica qual pegada se está referindo, e a parte icônica evoca a semelhança dela à uma pegada de cavalos. A junção dos ícones e índices no interior dos símbolos permite que a informação seja compartilhada pelas linguagens da comunicação.

Outro conceito essencial do pensamento de Peirce a ser trazido é o de **crença**, que permite unir sua semiótica ao método pragmatista de esclarecer dúvidas, ampliar nossas cognições e produzir consenso numa comunidade interessada em aprender e dividir experiências de forma a garantir sua permanência e reprodução no tempo. Uma crença nada mais é do que um símbolo com a capacidade de influenciar nossa conduta. Agimos de acordo com o que acreditamos verdadeiramente. Para Peirce, a produção de crenças é um trabalho da mente que precisa lidar com a ‘irritação’ causada pela dúvida. Enquanto a dúvida perturba a tranquilidade mental e força o pensamento a buscar uma solução, a crença seria um estágio de conforto desejado e acalentado.

De acordo com o método pragmatista, a crença é atingida por meio de quatro métodos básicos: tenacidade, autoridade, *a priori* e investigação científica. O **método da tenacidade** corresponde às crenças irracionais que se obtêm a partir da fixação de pensamentos que satisfazem questões emocionais e particulares do indivíduo. No **método da autoridade** é onde se encontra a transferência de responsabilidade cognitiva para instituições e outros indivíduos presentes na vida pública de uma comunidade. Ou seja, crenças que são fixadas automaticamente porque foram transmitidas por algo ou alguém que o indivíduo toma como referencial na organização da sociedade em que ele habita. O **método a priori**, por sua vez, remete à indução metafísica que leva a uma confusão intelectual criada por abstrações ‘agradáveis à razão’. Tais abstrações dizem menos respeito à experiência do real e mais àquilo que o indivíduo já está inclinado a acreditar. O que significa que mesmo quando provido de boas intenções e com disposição para racionalizar, o indivíduo sempre pode estar distorcendo a realidade por causa do seu subjetivismo. Como solucionar esse dilema? Através da validação coletiva permitida pelo **método científico**. Para Peirce, o método científico é o único que poderia gerar opiniões que coincidam com fatos e que cheguem mais perto da *verdade* – levando em conta que, para o autor, esta é criada socialmente e, por isso mesmo, sujeita sempre à falha inerente à condição humana. O método científico permite, por meio do uso da racionalidade, do confronto com a experiência e da possibilidade de contribuição de outros indivíduos, que as crenças sejam constantemente

Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce

aprimoradas em direção ao desenvolvimento humano e social do conhecimento (CP 5.358-87)².

Segundo Peirce, todos os métodos que eliminam o desconforto da dúvida são úteis, mas apenas o da investigação socialmente compartilhada é capaz de produzir crenças ao mesmo tempo seguras e flexíveis, capazes de dar respostas com um grau de certeza razoável, ainda que se mantenham abertas à reformulação futura. O método científico, portanto, oferece um compromisso entre a segurança do consenso social e a inteligência que preza a falibilidade e a reformulação diante de novos fatos da experiência.

Nada pode garantir, com absoluta segurança, que nossas crenças representam a realidade com verdade inabalável. Mesmo as crenças científicas são falíveis, mas é justamente a consciência dessa imperfeição que faz com que os conceitos cientificamente embasados sejam pragmaticamente mais válidos do que a convicção cega que os outros métodos pretendem oferecer. Em situações particulares em que o método científico não pode ser aplicado, como em situações da vida pessoal como escolhas amorosas, condutas individuais em situações de perigo e decisões de foro íntimo, Peirce defende que o instinto é o melhor conselheiro. Justamente por ter sido plasmado ao longo da evolução de nossa espécie, em que a seleção natural cumpriu seu papel de moldar nossa inteligência aos fatos importantes da experiência humana, o instinto nos dá respostas pragmáticas que uma pretensa racionalidade individual não consegue - ao contrário, normalmente nos leva a maior embaraço.

3. VERDADE E REALIDADE EM PEIRCE

Dentro das definições sobre desinformação apresentadas anteriormente, é possível identificar elementos que convergem para a questão da manipulação da *verdade* e da *realidade*. Ou seja, discutir sobre desinformação envolve compreender que ela age sobre dois termos relativamente bem conhecidos empiricamente e que estruturam a subjetividade humana e suas relações enquanto sociedade. Em Peirce, a **verdade** é um estado mental inatingível na experiência concreta de indivíduos (ou comunidades particulares de indivíduos) e, portanto, opera como um ideal epistêmico normativo, que age como o condutor para as inferências lógicas, asserções e argumentos conscientemente direcionados para a descoberta, aprendizado e desenvolvimento cognitivo. Semioticamente, a verdade seria atingida quando o objeto imediato interno ao símbolo se equivalesse aos predicados gerais do objeto dinâmico dessa representação simbólica. Inversamente, o **real** seria aquilo representado numa crença verdadeira. Se o fundamento do signo é seu objeto imediato, o fundamento de uma crença

comunitária é o *common ground*, o que aproxima o pragmatismo ao comum-sensismo e ao socialismo lógico.

Portanto, para fins práticos gerais, uma crença pode até ser considerada verdadeira por uma comunidade que se sinta satisfeita com os efeitos gerais de sua adoção. Contra o artificialismo da dúvida cartesiana, que pretende duvidar de tudo em busca dos elos primeiros e robustos de uma corrente dedutiva de pensamento, Peirce defende a adoção de hipóteses sutis e até mesmo frágeis, mas que possam ser entrelaçadas para formar um cordame capaz de dar segurança às nossas ações. Diante de uma crença que se sustente no confronto com a realidade, Peirce defende que não devemos dispensar tempo e recursos introduzindo dúvidas que não sejam efetivamente sentidas como insatisfações cognitivas. O pragmatismo *peirceano*, portanto, se dá como um compromisso; um equilíbrio entre o valor que damos ao grau de certeza desejado e à quantidade de trabalho e energia dispensados na tentativa de comprovar uma hipótese para fundamentar nossa crença. Sempre podemos aumentar o grau de certeza e precisão, mas em algum momento a quantidade de energia e trabalho dispensados torna a empreitada irracional, já que o custo-benefício é desfavorável.

Nesse sentido, o pragmatismo *peirceano* não pode ser confundido com variantes de um meliorismo, como a noção a que Pierre Lévy (2010) definiu como 'inteligência coletiva': um movimento constante e infinito de aperfeiçoamento coletivo baseado em trocas de conhecimentos feitas pelo 'ciberespaço' – o ambiente digital criado pela ocupação humana através das conexões de redes eletrônicas. Nada no pragmatismo aponta para um destino necessariamente melhor (HOUSER, 2003). Ao contrário, o acaso oferece um campo de possibilidades de interpretações que mantém nossas crenças num estado de virtualidade permanente, cujos resultados futuros não são necessários nem previsíveis a partir de qualquer determinação prévia.

4. INFORMAÇÃO NA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Já acerca do conceito de **informação**, em Peirce é possível sintetizar inicialmente como uma questão de comunicação que pode ser transmitida tanto verbal como não-verbalmente e que acrescenta uma novidade sobre alguma coisa que já se conhece, desta forma, entrando em alguma consonância com o entendimento feito também pela teoria matemática da informação, onde a informação é algo que produz diferença em algo já sabido. Segundo Nöth e Gurick (2011, p. 5), Peirce entendia a informação como resultado de "[...] mensagem significativa que comunica conhecimento novo" e, portanto, faz referência a um intérprete e ao aumento do seu horizonte de conhecimento³.

2 CP se refere a Collected Papers. À esquerda do ponto está o número do volume, à direita estão os parágrafos consultados.

3 Nöth e Gurick (2011) citam que a teoria de informação de Peirce aparece em sua extensa obra em dois

Para Peirce, cada proposição pode ser analisada em relação ao seu sujeito (denotação das ‘coisas reais’ empíricas, classes gerais) e seu predicado (significações atribuíveis ao sujeito, características específicas). Nesse sentido, a denotação é também apresentada como extensão ou amplitude de um símbolo e a conotação como a sua profundidade ou compreensão. Dessa forma, quanto mais predicados tiver, menos coisas denota e vice-versa. Por exemplo, a proposição “gato preto com olhos claros” possui alguns predicados que limitam as suas denotações, fazendo que seus significados sejam mais específicos. Já, a palavra ‘gato’, enquanto símbolo, tem bastante denotação por se referir a todos os gatos de forma geral, incluindo aqueles pretos com olhos claros⁴.

Partindo dessa análise lógica tradicional, que remonta aos tratados de Port Royal, Peirce desenvolve sua teoria da informação baseada no significado final resultante da síntese original do sujeito com o predicado de um símbolo. Se eu aprendo que “gato preto com olhos claros” são raros, a ocasião desse aprendizado é informativa, pois agora sei que, primeiro, todo gato preto com olhos claros também é raro e, segundo, que entre as coisas raras do mundo estão os gatos pretos com olhos claros. Enquanto termos isolados, sujeito e predicado não veiculam informação, apesar de serem significativos. Para que haja informação, precisam ampliar o conhecimento sobre o estado de coisas da realidade. Da mesma forma, os termos (também chamados de *remas* por Peirce) não podem, isoladamente, ser verdadeiros ou falsos, somente quando participam sinteticamente de uma proposição (NÖTH; GURICK, 2011; CP 2.420). De forma complementar, em Romanini e Ohlson (2021, p. 19) já foi visto que:

Nas proposições informativas, a denotação é produzida por um índice que indica o sujeito da informação, enquanto a conotação é produzida por um ícone que conota os predicados do sujeito apontado. Informação é justamente o aumento da capacidade denotativa do termo que serve de predicado e um aumento da compreensão do termo que serve de sujeito da proposição.

momentos: o primeiro (1865-1867) está restrito às mensagens verbais e relacionado à lógica proposicional tradicional; o segundo (pós 1900) expande o horizonte teórico para abordar os aspectos pragmáticos, cognitivos e semióticos da informação. No entanto, como indicam os autores, Peirce estava mais interessado em analisar como os signos lidam com a informação do que propriamente fazer do seu conceito algo central em seu pensamento.

4 E tal análise se assemelha ao que Floridi (2011) vai desenvolver como níveis de ‘informatividade’ (*informativeness*).

5 No original: “[...] it is a fairly easy problem to analyze the nature of *assertion*. To find an easily dissected example, we shall naturally take a case where the assertive element is magnified, – a very formal assertion, such as an affidavit. Here a man goes before a notary or magistrate and takes such action that if what he says is not true, evil consequences will be visited upon him, and this he does with a view to thus causing other men to be affected just as they would be if the proposition sworn to had presented itself to them as a perceptual fact” (CP 5.30).

5. MAS O QUE SERIA DESINFORMAÇÃO NA TEORIA DE PEIRCE?

Em Romanini e Ohlson (2021), as *fake news* seriam símbolos proposicionais, mais especificamente **asserções**, que são emitidas com o propósito de mudar as crenças de um indivíduo em particular ou de coletivos de indivíduos – como uma comunidade ou sociedade específicas. Enquanto símbolos maliciosos estrategicamente desenhados, parecem representar o mundo real em seu objeto dinâmico mas, na verdade, representam um universo ficcional criado para produzir certos efeitos gerais no público-alvo. Por exemplo, uma *fake news* asserindo que a Terra é plana pretende produzir uma crença capaz de gerar hábitos de conduta em conformidade com um universo ficcional em que a Terra seria plana. Nesse sentido, a *fake news* não pode ser considerada, *a priori*, semioticamente falsa, embora certamente enganosa. Seu tribunal não é propriamente o da lógica, e sim o da ética. Como o próprio Peirce esclarece,

[...] é um problema bastante fácil analisar a natureza da asserção. Para encontrar um exemplo facilmente dissecável, tomaremos naturalmente um caso em que o elemento assertivo é ampliado – uma afirmação muito formal, como uma declaração juramentada. Aqui, um homem vai perante um notário ou magistrado e age de tal forma que, se o que ele diz não é verdade, consequências más serão impostas a ele, e isso ele faz com o objetivo de fazer com que outros homens sejam afetados da mesma forma que seriam se a proposição jurada tivesse se apresentado a eles como um fato perceptivo (CP 5.30)⁵.

Ao influenciar sua audiência nas redes das plataformas sociais como se estivesse ela mesma diante do fato asserido, em Guarda, Ohlson e Romanini (2018) é argumentado, inclusive, que a desinformação seria capaz de gerar a representação e o compartilhamento de uma ‘*pós-realidade*’ distópica, repleta de caos semiótico e deterioração democrática. E é justamente aqui, no campo da experiência possível, dos fatos perceptivos imaginados, que a estética governa. O processo continuado de desinformação social acaba por produzir um novo campo de experiências estéticas, com relações sociais muito mais abrasivas, emotividade instrumentalizada e discurso do ódio.

Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce

A **primeira dimensão** de desinformação pelo viés semiótico poderia ser descrita como a **manipulação denotativa e/ou conotativa de um símbolo**. Essa possibilidade pode ser ilustrada pelas *fake news* sobre as urnas eletrônicas brasileiras. Ao insistir em predicados como 'pouco confiável' e 'fraudável', essas *fake news* aumentam a compreensão do termo 'urna eletrônica' num universo ficcional (o universo possível onde as urnas eletrônicas são fraudulentas e não confiáveis), ao mesmo tempo que aumentam a extensão do termo 'fraudável' para incluir a classe das urnas eletrônicas. O sucesso de uma desinformação como essa é o de gerar nos intérpretes hábitos de conduta em conformidade com o que expressa, como o de rejeitar os resultados de uma eleição. Semioticamente, a opinião final sobre essa asserção enganosa sobre as urnas não se dá num momento historicamente definido, mas num futuro indefinido em que todas as evidências seriam sopesadas. O problema, claro, é que o resultado prático se dá num calendário eleitoral bem definido, enquanto sua eventual reparação se projeta num futuro indefinido, senão improvável.

A **segunda dimensão**, estreitamente vinculada à primeira, é abordar a desinformação como um **desarranjo entre as características icônicas, indiciais e simbólicas** de um signo, ou seja, sua relação triádica inerente em relação ao seu objeto de representação. Para Nöth e Gurick (2011), a combinação equilibrada dessas características resulta em signos mais informativos – o que possibilita, então, inferir o caminho inverso: quanto mais desequilibrada essa combinação, menos informativos são os signos. No entanto, aqui o sentido de 'informativo' é usado especificamente pensando na relação entre emitir conhecimento novo baseado na realidade (ou *common ground*) ou produzir falsificações informativas. A relação triádica e interdependente dos elementos de um signo completo nos três níveis é o que caracteriza a potencialidade semiótica comunicativa presente nele referente a fatos e realidade. Ora, um signo que falha em seu processo indicial, certamente não permite a fase simbólica, limitando a possível informatividade ao ícone, mas como pontuam Nöth e Gurick (2011, p. 21): "Signos vagos e meramente icônicos falham em ser informativos. Sem um índice, nenhuma representação icônica pode representar fatos e realidade [...]". Um signo que falha em seu processo simbólico, por sua vez, não pode produzir argumentos, conceitos e outros elementos comunicativos essenciais para que ele possa ser apreendido enquanto proposição lógica e submetido coletivamente à avaliação do real ou verdadeiro⁶, limitando, no máximo, a sua compreensão ao que seria um índice incompleto ou defeituoso. E, finalmente, um (quase)signo que falha em seu processo icônico não é capaz de gerar o mínimo

de significado para validar sua existência semiótica. Esse desarranjo triádico também pode ser trazido pelas **relações estéticas, éticas e lógicas** que se fazem presente em uma semiose, quando ocorrem comunicações que não se propõem à construção coletiva do conhecimento confrontado pela realidade.

A **terceira dimensão**, tributária das duas anteriores, é entender a desinformação enquanto resultado da **obtenção de crenças pelos três métodos não científicos** de Peirce, citados anteriormente. O método *a priori*, por exemplo, possui um modo de funcionamento muito similar ao sistema de ação da pós-verdade e do que se chama de 'viés de confirmação' (NICKERSON, 1988) – tendência das pessoas em aceitarem aquilo que está em conformidade com o que já acreditam e rejeitarem aquilo que entra em conflito com seu sistema de crenças. O método da ciência, nesse sentido, tem por essência evitar todos os enganos permitidos pelos outros caminhos, reforçando hábitos críticos de pensamento e suspensões temporárias ou permanentes de crenças preestabelecidas. Contudo, uma reflexão pragmática se faz necessária: qual é o custo cognitivo e prático de buscar a elucidação de todas as coisas rotineiras e triviais pelo pensamento científico? Isso é possível de ser aplicado em grande escala na população, levando em conta as questões sociais e educacionais que permeiam a realidade, principalmente a brasileira? Como indica Carraher (2011), ainda que se busque estabelecer o *senso crítico* como uma ferramenta cognitiva essencial para a educação da sociedade, é preciso reconhecer o papel social prático das comunicações imprecisas – tão presentes nos diálogos cotidianos que se estabelecem na vivência mundana e, por vezes, muito necessárias para manter a saúde mental do indivíduo.

CONCLUSÃO

Quando Peirce (CP 5.358-87) caracterizou o método científico como a única forma confiável de se chegar à verdade, ainda no século XIX, ele estava contribuindo com todo um pensamento que viria se firmar de forma muito contundente no século seguinte, quando a ciência aumentaria consideravelmente o seu protagonismo no desenvolvimento da sociedade e do conhecimento. Ainda que inicialmente predominante apenas em círculos acadêmicos e científicos, logo a ciência passou a atingir outros meios de comunicação e outros públicos, quando ações de divulgação científica passaram a popularizá-la. Um dos mais notórios ativistas da ciência nesse sentido foi Carl Sagan, que a promoveu em apresentações, artigos, livros, filmes, programas e séries de televisão, entre outros meios de comunicação. Em sua obra *O Mundo Assombrado pelos Demônios*, o subtítulo – A ciência vista

6 O índice, assim, apresenta similaridades com os tipos de informações 'não-factuais' que Floridi (2010) apresenta em seu mapa de conceitos informacionais. Para o autor, esses tipos de informação (como a informação ambiental presente em uma determinada posição do sol ou em pegadas feitas em um trecho de uma floresta), pela sua natureza, não podem ser julgadas como verdadeiros ou falsos.

como uma vela no escuro - já alertava para a importância de se ver a ciência como uma luz em momentos obscuros. Para Sagan (1996), a ciência, além disso, era o método mais eficaz para se livrar de mentiras e articulações infundadas do discurso cotidiano.

O cenário da desinformação atingiu uma complexidade semiótica tal que demanda que a divulgação científica precise, mais do que nunca, ser realizada de forma ampla e persistente e que o método científico se dissemine nas redes, no fazer comunicativo, no combate à desinformação e, sobretudo, na forma de racionalizar dos indivíduos. No entanto, levando em conta que a desinformação já está produzindo efeitos de descrédito na própria ciência, o que mais a semiótica poderia contribuir no combate a esse fenômeno tão nocivo ao futuro da sociedade e seus signos?

Ao fazer tal questionamento, espera-se estimular mais estudos semióticos que visam o combate à desinformação, pois assim como Peirce trazia à reflexão acerca do que chamou de *condicional futuro*: não se debate apenas para o que se é hoje, mas para o que se quer ser; age-se no presente para o benefício futuro – de si e de toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- CARRAHER, David W. *Senso crítico: do dia a dia às ciências humanas*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- FALLIS, Don. What is disinformation?. *Library Trends*, Illinois, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.
- FLORIDI, Luciano. *Information: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- FLORIDI, Luciano. *The philosophy of information*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- GUARDA, Rebeka F.; OHLSON, Marcia P.; ROMANINI, Anderson V. Disinformation, dystopia and post-reality in social media: a semiotic-cognitive perspective. *Education for Information*, Marseille, v. 34, n. 3, p. 185-197, Dec. 2018.
- HOUSER, Nathan. *Pragmatismo e a perda da inocência*. São Paulo: Cognitio, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- NICKERSON, Raymond S. Confirmation bias: a ubiquitous phenomenon in many guises. *Review of General Psychology*, v. 2, n. 2, p. 175-220, Jun. 1998.
- NÖTH, Winfried; GURICK, Amaral. A teoria da informação de Charles S. Peirce. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, São Paulo, n. 5, p. 4-29, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52894/34707>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- OXFORD LANGUAGES. *Word of the Year 2016*. Oxford: Oxford University Press, 2021. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 30 maio 2021.
- PEIRCE, Charles Sanders. In: HARTSHORNE, C.; WEISS, P.; BURKS, A. *Collected papers of Charles S. Peirce* (CP). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958.
- POPPER, Karl. *The logic of scientific discovery*. London: Routledge, 1980.
- ROMANINI, Anderson Vinicius. A contemporaneidade de Peirce no pensamento comunicacional. In: SQUIRRA, S. (org). *Cibertecs: conceitos, interações, automações, futurasções*. São Luís, MA: LabCom Digital, 2016.
- ROMANINI, Anderson Vinicius; OHLSON, Márcia Pinheiro. Semiótica e teoria dos atos de fala: uma abordagem pragmática para o problema das *fake news*. In: COSTA, Edwaldo (org.). *Comunicação: meios e mídias no contexto da pós-verdade*. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 14-23.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. 2nd ed. rev. Europe: Council of Europe, 2018. (Council of Europe report. DGI, 2017). Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-report-version-august-2018/16808c9c77>. Acesso em: 23 jul. 2021.